

5 Conclusão

Este trabalho teve como objetivo descrever as estruturas de abertura, fechamento e sustentação de conversação utilizadas por hispano-falantes aprendizes de PL2E em situações de cumprimentos, despedidas e manutenção de interação dialogada em língua portuguesa. Para atingir este objetivo, analisaram-se as transcrições de situações gravadas em áudio de dois grupos de informantes: brasileiros e hispânicos aprendizes de PL2E.

Se cada povo possui sua própria cultura, influenciando a comunicação e o comportamento social, convém o estudo de questões interacionais como os rituais de cumprimentos, despedidas e manutenção de conversação em LP. A ênfase em aprendizes hispânicos com suas possíveis interferências da LM também tem relevância, já que língua alvo e materna desses estrangeiros são muito semelhantes entre si. O estudo e a comparação desses rituais mostraram-se importantes por abordarem um aspecto lingüístico, interacional e cultural que facilita a comunicação entre um hispano-falante e um luso-falante, contribuindo para uma prática pedagógica mais eficiente de PL2E para esse grupo.

Portanto, pesquisas nessa área são necessárias para que o professor de PL2E possa ter respostas a perguntas como até que ponto a relativa facilidade de compreensão e comunicação do aprendiz hispano-falante pode influenciar positivamente no português L2 sem que haja uma interlíngua que o prejudique na comunicação, sem deixá-lo passar por situações embaraçosas como descortesia, má-educação, impolidez, e/ou geração de falsas expectativas em relação ao nativo do idioma. Acredita-se que uma explicação para esse problema, assim como todos os objetivos desse trabalho foram inteiramente contemplados, devido à elucidação dos dados obtidos no *corpus* e aos resultados a que se chegou por meio da análise de dados, já que, de acordo com o que foi visto, constatou-se que língua e cultura moldam as formas de interação entre os interlocutores numa dada conversação, influenciando as escolhas de uma interação social.

Para tanto, comprova-se que língua e cultura não podem ser analisadas de forma dissociada. Pôde-se verificar também que o comportamento social esperado em uma interação se relaciona ao contexto situacional da conversação e a relação entre os participantes. Ao mudar o contexto e a relação, espera-se que os interlocutores se adaptem de uma maneira lingüístico-interacional mais adequada à nova situação. Após a análise dos rituais dos interlocutores brasileiros e hispânicos aprendizes de PL2E, verificou-se que os aprendizes estrangeiros dos dois níveis – iniciante e avançado -, apesar de haverem cumprido com os rituais de abertura e fechamento de conversação, tenderam a usar rituais menos extensos que os brasileiros. Com isso, constatou-se que essa característica dos hispânicos falantes de PL2E se deve à interferência cultural da sua LM. Essa diferença cultural transportada para a língua estrangeira pelos aprendizes hispânicos pode gerar mal-entendidos como rudeza e descortesia, maior distanciamento e falta de interesse pelo outro. Já os hispânicos entendem essa preocupação do brasileiro em estenderem esses rituais como uma mostra de informalidade, intimidade e intromissão.

Outra hipótese comprovada foi a de que fatores envolvendo o contexto situacional como: faixa etária; sexo; tempo em que estão ou vão ficar sem se falar; grau de proximidade e distanciamento entre os participantes; e circunstâncias de encontro influenciam nos rituais de cumprimentos, despedidas e sustentação de conversação, pois os brasileiros empregaram expressões diferentes dependendo da presença de algum desses fatores. Os aprendizes estrangeiros de nível iniciante e, principalmente, de nível avançado, em geral, também adequaram seu discurso em relação a esses fatores. As limitações observadas foram em relação à pouca diversidade de expressões em comparação às usadas pelos brasileiros e à forma de tratamento empregada quando há certo grau de distanciamento e certa relação de poder entre os participantes. Os aprendizes em geral não souberam adequar a forma de tratamento condizente com a essa situação, seja pela falta de vivência nesse contexto, seja pelo estereótipo de que os brasileiros são sempre informais em qualquer situação. Os estrangeiros também não fizeram uso de todas as formas de tratamento informais utilizadas pelos brasileiros nos contextos entre amigos.

Constatou-se que realmente o brasileiro tende a ser mais informal no trato com o outro, mas nem sempre emprega um registro de fala totalmente informal em toda situação discursiva, marcando certo grau de distanciamento em contextos

onde não haja tanta proximidade. Como comprovado, a relação empregado/chefe brasileiros pode não ser tão formal quanto à relação de um empregado e chefe hispânicos, mas se mantém certo distanciamento. Os aprendizes estrangeiros confundiram o fato da maior informalidade do brasileiro com ter um registro de fala coloquial/informal em qualquer situação. Além disso, os estrangeiros misturaram inadequadamente o tratamento formal *senhor* com o informal *você*, sinalizando uma falta de competência comunicativa no seu uso. Portanto, chega-se à conclusão que fatores como os de proximidade e distanciamento, assim como os de poder e hierarquia se marcam também por meio da escolha adequada das formas de tratamento durante a interação do discurso. Cabe ao professor de PL2E elucidar essa questão, ainda que o contexto mais formal não seja a situação mais comum a que os alunos estrangeiros são expostos durante as aulas e no cotidiano.

Com relação às despedidas, em todos os diálogos dos brasileiros esteve presente a marcação de encontro futuro, protegendo a face do interlocutor nesse AAF. A marcação de encontro futuro é um simples ato de fala de despedida, não devendo, necessariamente, ser interpretada literalmente por um estrangeiro. Vale ressaltar que, de acordo com o grau de proximidade dos interlocutores, a marcação de encontro futuro vem acompanhada de alguma expressão indicativa de contato, como número de telefone e e-mail, não sendo um simples ato de despedida sem nenhuma despreensão de encontrar o co-enunciador no futuro.

Percebeu-se também a dificuldade do brasileiro em lidar com situações despreferidas como o fator **pressa** na conversação, sinalizada pela dificuldade em despedir-se do outro, ao contrário dos aprendizes hispânicos, que se mostraram mais diretos e objetivos nesse contexto. No contexto mais formal, devido à falta de proximidade entre os participantes, os rituais de cumprimento e despedida se mostraram mais breves que no contexto entre amigos envolvendo o fator *pressa*.

Questões como saudação em um contexto informal por meio de contato físico como beijos aéreos e emprego de expressões que verbalizam esse contato como *beijos* e *abraço* se mostraram muito usuais nas despedidas de brasileiros, ao contrário das despedidas dos aprendizes estrangeiros, mostrando ser um dado cultural de difícil incorporação. Outro dado relevante encontrado no *corpus* é a questão do aumentativo utilizado por homens e o diminutivo utilizado por mulheres nos rituais de fechamento e de manutenção de conversação. Cabe apontar também que o diminutivo encontrado no discurso masculino foi utilizado

como um recurso para minimizar o AAF durante a manifestação de situações despreferidas como pressa ou de outro tipo.

As expressões fáticas se mostraram como um recurso muito usual no português brasileiro, sustentando a conversação e testando o canal. Por meio da verbalização dessas expressões, o brasileiro demonstrou atenção à comunicação, protegendo e salvando a face. Acredita-se que uma das contribuições desse trabalho foi também a de dividir e analisar essas expressões em certos grupos e categorias, possibilitando a facilitação do ensino/aprendizagem dessas expressões em aulas de PL2E. Constatou-se maior utilização dessas expressões no nível avançado. No entanto, o repertório dos brasileiros se mostrou muito mais rico, pois tais expressões só são assimiladas com a prática.

Comprovou-se também que a interferência da LM na língua alvo dos aprendizes hispânicos, como esperado, diminuiu nos alunos de nível avançado. Além disso, essa interferência diminuiu mais eficientemente no nível lingüístico-estrutural que no nível interacional-cultural, já que assimilar outra cultura é mais difícil que internalizar apenas estruturas lingüísticas. No entanto, aprender uma língua estrangeira é também aprender adequar-se à cultura subjetiva, interagindo da maneira esperada em uma sociedade através da linguagem.

A partir dessa pesquisa, espera-se que se tenha tornado mais viável uma descrição mais profunda sobre determinados aspectos de ensino de PL2E como rituais de cumprimentos, despedidas, manutenção de interação dialogada e, inclusive, formas de tratamento nos contextos situacionais abordados para um determinado público específico: os hispano-falantes. A partir desse estudo, os professores de PL2E podem valer-se dessa análise para uma melhor compreensão desses rituais e podem fazer um trabalho mais aprofundado com seus alunos. Além disso, autores de material didático de PL2E podem tomar como base os resultados aqui obtidos para enfocarem também aspectos da linguagem oral, muitas vezes esquecidos, para esse público específico.

É muito importante que o professor de PL2E exponha de uma maneira didática não apenas as expressões dos rituais de cumprimentos, despedidas e de manutenção de interação dialogada, mas também os fatores de cultura subjetiva, que interferem no comportamento social e lingüístico do brasileiro, além da conseqüente divergência existente entre a língua oral e escrita no português brasileiro. Para tanto, o aprendiz hispânico precisa conscientizar-se de que

existem diferenças não só de estruturas, mas também de expectativas quanto à resposta desejada, e que não são suficientes traduções literais de uma língua para a outra, se o que se deseja é realmente falar e assimilar o idioma estrangeiro sem mal-entendidos.

Nessa relação de ensino/aprendizagem de PL2E, o professor não deve cultivar preconceitos lingüísticos, sendo muito importante apresentar a língua com seus recursos e variações, para que o aluno possa eleger o seu repertório lingüístico de acordo com o seu interesse, sem deixar de entender determinados usos, estigmatizá-los ou usar uma variação não muito usual na linguagem oral somente por estar de acordo com o que foi normatizado. Dessa maneira, o professor vai proporcionar ao seu aluno a utilização de uma língua mais apropriada em relação ao seu contexto de uso, assegurando uma melhor competência comunicativa e, conseqüentemente, uma melhor relação social.

Pesquisas futuras nessa mesma área, ligadas à comparação entre cumprimentos, despedidas e manutenção de interação dialogada entre outras línguas e/ou mediadas por algum meio de comunicação como e-mail; ou ainda, a análise e comparação de comportamento não verbal de brasileiros e de outros povos em saudações seguramente vão enriquecer o tema abordado. Afinal, não se deve esquecer que, ao aprender uma língua estrangeira, o homem se torna um membro de uma determinada comunidade lingüística estranha a sua original, e começa a refletir sobre a língua do outro e a sua própria língua. O ensino de língua estrangeira que cuida dos aspectos culturais relacionados à linguagem faz com que o aprendiz desfaça a ilusão etnocêntrica da sua língua materna e a ilusão de que sempre pode ser adequado e inteligível uma tradução literal e uma transposição da cultura subjetiva da LM.